

Coreto

Jornal de Literatura – Araxá - MG – 05 de abril de 2016 – Ano I – Nº. 003

Até onde irão seus ecos?

Essa é uma pergunta que pode ser feita para noticiar que Umberto Eco morreu. Mas é possível falar de morte em relação a uma pessoa que marcou profundamente seu tempo e as pessoas que viveram neste mesmo tempo? Não. Eco, como está no seu próprio nome, tornou-se um ser tão essencial para seus semelhantes – especialmente os que tiveram o privilégio de viver em dois séculos diferentes (XX e XXI) – que continuará, sem tempo limitado, produzindo ecos, depois de ter se transformado em discursos que proliferarão gerando sentidos de forma incontrolável...

Profundamente participante de todas as transformações sociais dos últimos setenta anos, tornou-se uma espécie de “*Il Professore*” – “*O Professor*” – como “o último homem que sabe tudo”, aquele que é respeitado por todos...

Polêmico, zombou das redes sociais, afirmando, como semiólogo, que elas “deram direito de expressão a legiões de imbecis que, antes, só falavam no bar depois de um copo de vinho, sem perturbar o ambiente social. Agora, têm o mesmo direito de expressão que um Prêmio Nobel. Os imbecis invadiram tudo”.

Filósofo, semiologista, professor de erudição épica,

especialista em estética medieval, autor de ficção e não ficção, Eco não só escreveu vários ensaios impecáveis de estética, linguística e filosofia e criticou em profundidade a “mídia esfera global”, chegando à conclusão de que os velhos jornais “não são feitos para revelar, mas para encobrir notícias”. Como literato,

especialmente como romancista, chegou a mais de 14 milhões de exemplares vendidos de seu *best-seller*, *O Nome da Rosa*.

Leitor ávido até o fim, Eco defendeu que “quem não lê, aos 70 anos, terá vivido uma vida só. Os que leem terão vivido 5 mil anos. Ler é a imortalidade em retrospecto.”

Brasileira disputa o Nobel de Literatura

Confirmando que “*Sim, nós temos Literatura*”, a União Brasileira de Escritores indicou o nome de Lygia Fagundes Telles para o Prêmio Nobel de Literatura de 2016, em comunicado à Academia Sueca.

A diretoria da entidade elegeu a escritora paulistana por unanimidade, lembrando que “Lygia é a maior escritora brasileira viva e a qualidade de sua produção literária é inquestionável”, conforme comunicado de Durval de Noronha Goyos, presidente da UBE.

O anúncio do Nobel de Literatura deve acontecer em outubro deste ano em Estocolmo, na Suécia.

Lygia Fagundes Telles, de 92 anos, recebeu vários prêmios ao longo da carreira, tais como o Camões (2005), e o Jabuti (1966, 1974 e 2001). Ela tem obras traduzidas para o alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, polonês, sueco e tcheco, além de adaptações de suas obras para o cinema, teatro e TV. Fundadora da UBE ela faz parte do Conselho Diretor da instituição.

A Academia Araxense de Letras inicia, dia 5 de abril, nessa terça-feira, projeto de encontro de seus membros com o público, especialmente o público leitor.

Quem inaugura essa série de encontros é o professor e escritor Hermes Honório da Costa. Ele falará sobre a origem e o papel da Literatura e responderá perguntas sobre sua produção literária. O evento será no auditório da Biblioteca Pública, às 19h30min.

Editorial

Há alguns anos, muita gente pôde assistir à peça Zumbi dos Palmares e ouvir em certo momento as frases de Ganga Zumba: “*Este é um tempo de guerra! Este é um tempo sem sol!*”. Havia um plano de censura e de repressão em andamento, especialmente contra os negros e os índios e contra todos os que agiam em favor de um Brasil autônomo, livre do jugo português e dos invasores declarados – holandeses e franceses – e dos não declarados, como os ingleses.

Hoje tem muita gente reclamando e dizendo que estamos em crise e repetem o que ouvem na mídia-empresa, sem dar atenção para afirmações sérias e fundamentais como a de Umberto Eco, sobre os tradicionais jornais – impressos ou radio-televisivos – que, segundo ele: “*não são feitos para revelar, mas para encobrir notícias*”. Tomam como verdadeiras várias notícias mentirosas, confirmando o que o *Ministro da Propaganda* de Adolf Hitler (Paul Joseph Goebbels) defendia: “*uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade*”.

Por esta e outras razões, o **Coreto** volta a insistir que a Literatura tem um papel fundamental na sociedade, em todos os tempos, e, hoje, em especial. Isto porque a Literatura funciona como espaço privilegiado de circulação da informação e da verdade, por não estar sujeita à censura, especialmente à censura dos poderes político e econômico. Testemunha disto é o fato de o poder político-econômico procura manter uma vigilância permanente em relação à produção literária e aos literatos. Tanto que a Literatura, essencial para a vida da sociedade, é constantemente apresentada como atividade de entretenimento ou como produção cultural marginal, tirando dela seu papel especial de alimentar, fomentar e provocar as mudanças necessárias dentro da própria sociedade, rumo às práticas de igualdade, fraternidade, liberdade e contra as práticas de exclusão que visam aos privilégios de minorias e à miséria e sofrimento das grandes massas humanas.

Pode-se até perguntar: por que não se privilegia a circulação e a produção literária dentro das escolas? E ainda: por que Literatura não é disciplina regular e presente em todos os currículos escolares, em todos os níveis de ensino, se ela é o espaço privilegiado da compreensão e da criação linguística?

É por esta realidade que o **Coreto** está aí e quer ser espaço livre para quem quiser participar dessa experiência literária.

Divagações certeiras

Começo de ano. Repetidas ilusões. Os homens estão partidos divididos por dinheiro, posições.

Entre “direita” e “esquerda”, sem perfil ou definição, que rumo seguir, meu amigo camarada, meu irmão? A saída é voltar, ou o caminho seguir de um construir de um fazer-se passar a limpo reformular-se?

Há estradas como tapetes, mas a justiça... uma ilusão. A fome disse adeus, foi embora pra maior parte da população mas isto aumentou o cisma, entre ricos e pobres, a divisão. E o ano começa triste, há muito ódio, muita raiva tenho medo, meu irmão; foi assim nos “anos de chumbo” nos anos de destruição.

Mataram um projeto, um futuro bem ainda em gestação; mataram liberdade, harmonia, vontade, determinação; trocaram tudo por nada por dívidas, por servidão...

Outra vez de volta ao assunto esse é um ano bissexto ano de eleições. Cresce a força da polícia dormindo anda a justiça gerando desgraça, cobiça ódio, desamor, traição...

Esse é um ano perigoso ano de lua cheia escada, gato, escorpião é ano de estrela cadente noite escura, transição; é ano sombrio, de encruzilhadas... e para abrir nossos caminhos é preciso decisão.

Carlos Henrique de Freitas Cardoso

Expediente

Coreto é uma publicação, sem fins lucrativos, destinada à difusão da Literatura. As notícias aqui publicadas devem ser redigidas em linguagem literária, fazendo uso da liberdade própria dessa forma de expressão. Os textos, com suas informações, são de responsabilidade de seus autores.

Editores: Hermes Honório da Costa e Márcio de Paula; **Colaboradores:** diversos. (coreto.jornal.de.literatura@gmail.com); hermesch@gmail.com)

Rua Carlos Rallo, 145 – Recanto das Mangueiras - 38182-142 – Araxá – MG

“Até tu, Botelho!?!”

Depois dos episódios de dezembro último, Chico Buarque voltou de novo ao centro das atenções. No foco, sua produção literária e musical.

Militante combativo contra a ditadura militar, produziu letras e músicas que estão entre as melhores da cultura brasileira. Exemplos: *Operário em construção, Marcha da quarta-feira de cinzas, Sinal fechado, Vai trabalhar, vagabundo! Vai passar...* Exilado, continuou vivo e atuante, presentificado no Brasil através de sua apreciada produção literária e musical, aqui lida e cantada pelos melhores nomes da Música Popular Brasileira, presentes no Brasil ou também exilados, cujas gravações feitas no exterior aqui chegavam autorizadas ou não pelos órgãos de controle e de censura do governo ditatorial.

Das canções para o teatro (*Calabar, Medeia, Gota d'água, Ópera do malandro...*) e para os livros (*Fazenda modelo, Budapeste, Leite derramado, Meu irmão alemão...*) Chico é sempre

claro, combativo e defensor de um projeto para o Brasil e para os brasileiros, condizente com aquele projeto abortado pelo golpe de 64 ou com esse começado a ser implantado nos últimos anos.

O cenário desta vez foi Belo Horizonte. “Todosos Musicais de Chico Buarque em 90 minutos” estreou no teatro do SESC em Belo Horizonte para um público especial... E pode-se dizer que nem estreou, pois o diretor do musical, Cláudio Botelho, fez um pronunciamento curto e direto contra Lula e Dilma, suficiente para provocar a reação e retirada da plateia, esvaziando o teatro e o espetáculo musical.

Descontente, frustrado... e tremendamente irritado com a atitude de Botelho, Chico Buarque desautorizou o uso de sua produção literária e musical que compõe a peça e as apresentações programadas foram suspensas.

De novo, um atentado contra a literatura e contra o literato Chico Buarque.

Botelho teve autorização para a realização do espetáculo e o anúncio da

estreia, em Belo Horizonte, provocou uma corrida para se conseguir ingresso, tão grande é o prestígio de Chico e sua relação com o público.

Lamentavelmente, o musical foi adiado, mas Chico Buarque continua escrevendo, produzindo e encantando o público com suas canções e com seus livros.

Esse e outros episódios mostram que a literatura não é simples entretenimento, mas elemento vivo e ativo dentro da sociedade. Sem falar que é o melhor espelho para se ver o ser humano e a natureza em sua profundidade, integridade e integralidade.

Duas coisas devem ser aprendidas desse episódio;

1 - Não há como represar um rio caudaloso em curso. Ele continuará seu caminho, de uma forma ou de outra.,

2 - “A História é um carro alegre / Cheio de gente contente / Que atropela indiferente / Todo aquele que a negue.” (Chico Buarque de Hollanda e Pablo Milanes).

“O que a Literatura faz é o mesmo que acender um fósforo no campo no meio da noite. Um fósforo não ilumina quase nada, mas nos permite ver quanta escuridão existe ao redor.”

William Faulkner

Dr. Edson Porfírio Ferreira

foi embora sem pedir licença, levou-nos a alegria, o bom humor, a música do piston, o sorriso largo de cada encontro, a palavra certa para cada momento... Na Academia Araxaense de Letras, ocupava a Cadeira 10, cujo Patrono é Castro Alves.

É de Castro Alves os versos com que o relembramos: de “O voo do Gênio”, terceira estrofe.

*“Onde me levas, pois?...” – “Longe te levo
Ao país do ideal, terra das flores,
Onde a brisa do céu tem mais amores
E a fantasia – lagos mais azuis...”
E fui... e fui... ergui-me no infinito,
Lá onde o voo d'água não se eleva...
Abaixo – via a terra – abismo em treva!
Acima – o firmamento – abismo em luz!*

“A estrada e o violeiro”

Trata-se de um diálogo travado entre o homem e seu destino.

Tentava-se mudar o rumo da história e esse fora, na verdade, o “sonho impossível” que alimentava o inconsciente da juventude brasileira. Eram conturbados os momentos vividos. Esses versos traduzem magistralmente toda ansiedade e a luta em busca do ideal de liberdade. Transcorria o final dos anos 60 e essa canção concorreu no Festival da Record, na época essa emissora comprometeu-se inteiramente com o movimento cultural que revelou os melhores nomes da MPB.

Sou violeiro caminhando só,
por uma estrada caminhando só
Sou uma estrada procurando só
levar o povo pra cidade só
Parece um cordão sem ponta,
pelo chão desenrolado
Rasgando tudo que encontra,
a terra de lado a lado
Estrada de Sul a Norte,
eu que passo, penso e peço
Notícias de toda sorte,
de dias que eu não alcanço
De noites que eu desconheço,
de amor, de vida e de morte
Eu que já corri o mundo
cavalgando a terra nua
Tenho o peito mais profundo
e a visão maior que a sua
Muita coisa tenho visto
nos lugares onde eu passo
Mas cantando agora insisto
neste aviso que ora faço
Não existe um só compasso
pra contar o que eu assisto
Trago comigo uma viola só,
para dizer uma palavra só
Para cantar o meu caminho só,
porque sozinho vou a pé e pó
Guardo sempre na lembrança
que esta estrada não é sua
Sua vista pouco alcança,
mas a terra continua
Segue em frente, violeiro,
que eu lhe dou a garantia
De que alguém passou primeiro
na procura da alegria

Pois quem anda noite e dia
sempre encontra um companheiro
Minha estrada, meu caminho,
me responda de repente
Se eu aqui não vou sozinho,
quem vai lá na minha frente?
Tanta gente, tão ligeira,
que eu até perdi a conta
Mas lhe afirmo, violeiro,
fora a dor que a dor não conta
Fora a morte quando encontra,
vai na frente um povo inteiro
Sou uma estrada procurando só
levar o povo pra cidade só
Se meu destino é ter um rumo só,
choro em meu pranto é pau, é pedra, é pó
Se esse rumo assim foi feito,
sem aprumo e sem destino
Saio fora desse leito,
desafio e desafio
Mudo a sorte do meu canto,
mudo o Norte dessa estrada
Em meu povo não há santo,
não há força, não há forte
Não há morte, não há nada
que me faça sofrer tanto
Vai, violeiro,
me leva pra outro lugar
Eu também quero
um dia poder levar
Toda gente que virá
Caminhando, procurando
Na certeza de encontrar

Nara Leão e Sidney Miller

V i s õ e s

Passo a vida tentando desorganizar o pensamento até que um organizador central de ideias coloca-o em ordem destruindo todo trabalho. Desconstruir a inútil ordem, colocar-se à margem do pensamento comum, mostrar o que pode haver de interesse no espaço não utilizado pelas aparências que catalogam conhecimentos e impede criatividade é desafio para os dias de hoje.

Ande à margem da estrada em que carros e pessoas seguem a mesma direção ostentando títulos e medalhas compradas. Existem guardas a serem evitados que perguntam por gramáticas, métricas e históricos passados. Revistam a mochila e se não encontram um manual do bem escrever tentam mudar o caminho usando carimbos do pensamento comum e marcando até onde lhe é permitido conhecer ou sonhar.

Se encontrares o quarto organizado, abra janelas, tire peso de cima das folhas, deixe bater as portas. Quando o vento não for suficiente embaralhe com as mãos todas as laudas. Jogue para o alto os trabalhos escritos, há de bater um vento novo vindo das ruas, dos bairros, do centro ou de onde for. Há de contagiar do novo esse emaranhado estratificado de livros antigos. Leia contos não escritos, eles existem. Procure na folha frases que se querem

mostrar. Procure ideias fosforescente que brilhem à luz da lua.

Um homem contava uma história fantástica em que o impossível acontecia e uma criança dizia do mundo infantil de sua psique em formação. Num parque um mágico trapaceava a mente que não enxergava e dizia de cores que não existiam. Cabeças começavam buscar novas realidades. No lugar de folhas secas, o vento soprava letras, frases vinham soltas e dispersas. O conhecimento estava ao alcance de todos. Filósofos se expunham como profetas e discutiam a razão do existir.

Algo acontecia quando uma organização se fez. Prendeu-se o mágico, queimou-lhe as cartas, calibrou-se o desorganizador de ideias malucas que passou a funcionar ordenadamente conforme a capacidade de cada um. Tirou-se do ar os textos que espalhavam letras e cortou-se a árvore da ilusão. Nada mais havia de errado. O mundo fictício não mais existia.

Voltou-se a nova velha ordem. Tudo deveria ser escrito com começo meio e fim. O que é pior, o começo deveria estar no início, o meio no meio. Assim se fecharia tudo em uma chave de ouro. Haveria uma ponta unindo duas extremidades, começo e fim se uniriam deixando o texto redondo. As métricas simétricas voltavam.

Voltou-se à realidade. Livros ensinam em plena era do instantâneo como se vai ao passado. Manda-se que todos escolham uma filosofia e a sigam a ferro e fogo.

Surge o ódio por intolerâncias milenares, o dinheiro passa a ser objetivo comum e o “ter” volta como objetivo triunfal. Crianças desfilam uniformes iguais e sorriem no momento certo. O país continua no terceiro mundo e na concepção do universo terrestre ensina-se que as águas caminham para o mar. Pela monotonia, a vida é fadada ao fracasso.

Só não detém a voz da loucura. Em algum lugar, palhaços soltam risadas francas, mendigos caminham pelas ruas e comem restos do que encontram.

Nos livros de sebo muitas verdades existem, nas livrarias a ilusão continua. O conhecimento sem etiquetas não está catalogado, sempre existirá um visionário apontando um caminho contraditório. E alguém capaz de segui-lo.

Márcio de Paula

O tempo presente é de ódio, de enfrentamento de divisão, sofrimento...
Vamos reescrever!?...

“... tire o seu sorriso do caminho que eu quero passar com minha dor...”

Deixe o seu sorriso no caminho que eu quero afastar a minha dor...

Crônica: presente e memória

Caro confrade Hermes,
Bom dia!

Que bom receber na minha casa um veículo da comunicação! – o jornal Coreto.

Ontem foi a TV Integração, unindo num *clíc* na tomada, o mundo! É fantástico!

Levando os homens, nos seus passeios diários a quase todos os países, até o final dos tempos, gosto de pensar sem limites!

Quem sabe, com os avanços da tecnologia, vamos poder voltar atrás trazendo o passado, o passado bem distante – quatro milhões de anos – ou menos, os nossos familiares, o nosso povo na banda larga, seria um susto bom!

Os inventores, a vida, o legado dos gênios, dizer – muito obrigada! – Alexandre Graham Bel, Alexandre Volta, sem vocês estaríamos mudos, no escuro! Sem Johannes Gutenberg (1468) eu não estaria recebendo o caçulinha dos nossos jornais – Coreto. Veio para ficar, Hermes é plantador seguro. Coreto é, nas praças, quiosque para concertos musicais, segundo o Mini Houaiss. Para mim, nascida e criada na Av. Antônio Carlos, 115, nos idos de 1934, a hora do “coreto” era quando chegava o Mário Porfírio, logo o Apulchro, o Jarbas, o Vande, o Lamartine, o Gusmão já estavam lá, na casa-mãe. O Genaro era o último, vinha junto de Geraldo Porfírio Botelho, paraplégico – jogava as muletas sob a janela, dava um rodopio, batia sentado na sua cadeira cativa, de vime, já chegava “coretando”! Sô Herman, figura animadora, não faltava, era o “coreteiro” mor. A gente era criança, observava, com medo dele se engasgar, falando, falando, comendo o bolo da tia Aracéli e tomando café! Pe. Alaor, outro irmão, havia chegado de véspera, era outro “coreteiro”, “coretava” com todos da cidade, sorridente, embora “chapuleteiro” – (termo da época) fala boa de se ouvir, era renomado orador sacro, naquela hora, nada de pregação, dava atenção a todos, entrava no “coreto”, como se dizia, era convivência de gente com gente.

Hermes, aguardo o nº do Coreto com admiração pelo literato e jornalista que corre no seu sangue.

Coreto é substantivo?

Coreto é verbo?

Coreto é o xodó da Imprensa Araxaense.

Obrigada por oportunizar uma tarde com a família dos Irmãos Porfírio de Azevedo na memória. Gente fina, todos os cidadãos vivem na lembrança.

Abraços da amiga

Cecília Beatriz Porfírio Pereira Rosa
AALetras – Cadeira 7

Encontro

Conheci Terezinha Ognibene quando éramos crianças e a mãe dela nos ensinava as primeiras letras, as primeiras palavras e abria para nós um mundo fascinante, construído com palavras, sentidos, discursos... Depois de alguns anos, reencontro Terezinha e ela manda para o Coreto um poema copiado de seu “caderno de recordações”.

É maravilhosa a existência! É bela a vida!
É doce ouvir o pássaro cantar.

Ouvir a canção do vento,
[o ruído da chuva
E ficar muitas horas a sonhar.

Sonhar!...Ver em cada estrela
[o mundo inteiro.

Ver na lua branca a guardiã do amor.
Ver o sol brilhando, o riso da criança.
Ver o céu azul em seu louco esplendor.

É sentir o sabor da vida!
É ser feliz!
É ver tudo de bom da existência.
É ter o coração aberto para a dor.
É o amor em toda a sua essência.

Amor, ternura e tudo que nasce
De um coração que ao outro encontrou
É isto que torna suave a existência.
Só viveu de verdade, quem amou.

É o amor que faz a flor mais bonita
Que dá mais melodia a nota da canção
É por isto que estás tão feliz
É porque destes o teu coração.

Minha amiga, feliz quem sabe amar.
Quem vê seu outro “eu”

[esperando carinho
E o dá gratuitamente, porque ama.
Tirando desta vida todo espinho.

Ama de verdade! Ama com pureza.
Como o próprio Cristo amou e quis.
Ama sem egoísmo e pensa no outro
Amar é sofrer, perdoar e ser feliz!

(Autor desconhecido)

A magia de escrever

Cada texto concluído é um parto a mais delivrado desse peito quente de tanto amor. As palavras, - nutrientes quase milagrosos de cada gestação.

Amo palavras! Sinto-lhes o cheiro, o gosto, a cor, a textura... Tem hora, com ares de primavera, noutra dependuradas em minhas rimas em versos, muitas queimando com emoções avassaladoras, todas a postos, se eu precisar.

Elas brincam cirandas ou choram dentro de mim. Sobem do coração para os olhos e saem molhadas de saudade, tomam gosto nos temperos do cotidiano, riem quando proclamo a alegria, ficam doentes com o país judiado sem dó.

Fazem cócegas nas minhas mãos, multiplicam-se na minha cabeça, de parrelha com as ideias acordam a imaginação, me fazem escrever sem parar.

E escrevo. Muito. Tenho material para livros e mais livros... Sem os tambores de "celebridade" fica complicado lançar e vender livros, produto de pouco ibope na lista do consumismo. Me viro como gosto.

Escrevo constantemente pra jornais, sites, nas redes sociais...

Em edições tenho preferido as antologias com grupos de escritores nacionais e do exterior. Participo como *mineira-araxaense* nas editadas pelo grupo literário de Mariana. Nos últimos três anos, fomos lançá-las em Paris, Portugal duas vezes, Ilha da Madeira e Madri.

Ano passado, recebemos os cultos escritores e confrades portugueses no Brasil, pra retribuir.

Alguns da nata cultural de Lisboa inclusive Sua Alteza, Dom Miguel de Orleans e Bragança, aportaram em Mariana para o lançamento de: O LIVRO I DAS ALDRAVIPEIAS, 20 aldravias com o mesmo tema.

O esperado evento literário aconteceu em outubro de 2015, com direito a visitar cidades históricas, mais um rico *show* histórico-cultural de mineiridade.

Hospitaleiros e vidrados em literatura por tradição, tanto nas obras quanto no culto às Letras, exibimos nossos monstros sagrados, escritores e poetas na maior crença. Eles são grandes!

Contando livros e antologias foi a minha **18ª** publicação.

Aldraviei uma mini-História de **Dona Beja**. Estive lá, representando Araxá e região. Já contei aqui: Aldravia é um poeminha de seis palavras. Um tira-gosto:

Primavera do sertão da farinha pode	Muitas Bejas mistério pra gente contemplar
-------------------------------------	--

Minhas palavras fazem prosa e poesia. Misturam-se ao humor do meu pensar.

Suaves como a brisa à beira do mar ou quentes como o sol que doura nossas praias. Agradando ou não, acabam mexendo com o leitor. O que é fantástico.

Quase unanimidade era só o Chico Buarque. Que setentão, andou confirmando posições antipáticas para os setentários do nosso maior compositor-poeta, arranhando o posto vitalício. Fazer o quê? Maturidade à moda inconveniente.

Palavras! Companheiras diárias, que em constante reboliço na minha cabeça, não me dão tempo de lembrar que estou sozinha há 21 anos... São dezenas piedosas que rezo contrita, contemplando os mistérios intrincados de viver. Sem elas eu murcharia Como a flor sem poesia...

"A pior ditadura é a ditadura do Poder Judiciário. Contra ela, não há a quem recorrer."
Rui Barbosa

Divagações

Pensamentos que me afligem
Na escuridão da noite
O surgir da lua cheia
Vem clarear a imensidão do céu
E como mágica... começo a divagar
O mundo...
Tão grande... tão belo...
Ao mesmo tempo
Tão nosso e tão distante...
As pessoas...
São tantas... milhares, milhões
Um elo de mentes e corações
Numa só amplidão
Tão amigas e companheiras
E às vezes tão dispersas e solitárias
Em minha cabeça

[mil imagens se fundem
Por que um mundo tão lindo
E ao mesmo tempo tão frio e injusto?
Por que um mundo tão cheio de pessoas
E ao mesmo tempo tão sem vida?
Por que um mundo

[com tanto calor humano
E com tanta falta de amor ao próximo?
Por que um mundo tão perfeito
[e maravilhoso
E com tantas pessoas incrédulas?
A vida é tão simples...
Basta viver e aproveitar cada minuto
Com muito... muito,
[muito amor para dar...

Ellen Kiria de Magalhães Borges

"Quem não lê, aos 70 anos, terá vivido uma vida só. Os que leem terão vivido 5 mil anos. Ler é a imortalidade em retrospecto."
Humberto Eco

Cachaça
Pau de Bimba
- pura, orgânica, artesanal -
Araxá-MG / (34)3662-4681/98897-4681
hermeshc@gmail.com

PEQUENA ESTRELA

Estar na rua	Dos ancestrais	Vai te encontrar
Fitando a lua	Abra seu véu	No cavalo alado
Quase nua	Cubra o céu	Um príncipe
Na imensidão.	De ilusão	[encantado
Onde estás estrela	Ponha asas na lua	Vai te buscar,
Que não estais?	Que flutua	Ele vive sozinho
Onde escondeste	Na imaginação.	E sem teu carinho
Por que temeste	Pequena estrela	Não quer ficar
A escuridão?	Ouçã um conselho	Sonha
Corcel alado	Não chore mais,	[eternamente
O mais falado	Apareça	Contigo somente
Dos animais	Não padeça	Poder casar.
Poder e força	Que o alazão	Márcio de Paula

Laços de amor

Caminho na areia e ela me espreita
vem, aproxima, vai, vem, vai...
distancia, volta... abre ao largo seus braços
e abraça-me – parece que...
ilusão, sonho, fantasia, vertigem, desejo...

Olho de um lado a outro
de norte a sul, do nascer ao pôr de sol
só nós dois; não há mais ninguém
apenas pássaros a passos lentos, sonolentos
e os primeiros raios de sol como testemunhas

Ela envolve-me. Aperta-me. Acaricia-me...
encanta-me e desencanta-me. Enlouquece-me!
Não resisto e rendo-me a seus encantos
e são tantos, tantos... e no entanto...
enrosco-me em seus braços... – Leva-me!... (Digo.)
e perco-me de vez, que não sei se voltarei... talvez...

e, de novo, envolvo-me em seus braços, em seus laços...
e entrego-me a seus amores... tantos, tantos...
que navego em dúvidas se voltarei, se ficarei, se...
se me deixo levar de vez por suas belezas
e seduções... dessa encantadora, sedutora...
apaixonante... deslumbrante... indescritível
insuportavelmente amante Coroa Vermelha.

Hermes Honório da Costa

"Com a ponta da língua pude sentir a semente apontando sob a polpa. Vareia-a. O sumo ácido inundou-me a boca. Cuspi a semente: assim queria escrever, indo ao âmago do âmago até atingir a semente resguardada lá no fundo como um feto."
Lygia Fagundes Telles